

Para celebrar a poesia da luta ou – “Mais à esquerda, por favor!”, por Daniela Giampietro⁴⁵

Resumo: A busca por um teatro contra hegemônico e a aproximação com movimentos sociais organizados pautam o processo de formação estética e política de alguns grupos teatrais da atualidade. Considerando a luta de classes como cerne de suas investigações, esses coletivos superam os estigmas recorrentes sobre “a arte de esquerda” ao produzirem espetáculos densos e com profunda carga poética a partir de um discurso assumidamente político.

Palavras-chave: teatro de grupo, teatro paulistano, arte e militância, luta de classes.

Abstract: The search for a non-hegemonic theater and closer ties with organized social movements guided the process of aesthetic and political education of some present-day theater groups. Considering the class conflict as the core of their research, these collective outweigh the applicants stigmas about “political engaged art” by producing dense shows with deep poetic charge from an clearly political discourse.

Keywords: theater group, São Paulo theater, art and activism, class conflict.



Foto de Bob Sousa. Cia. Estável. Osvaldo Pinheiro em *Homem cavalo & sociedade anônima*.

⁴⁵ Daniela Giampietro – tem graduação em Licenciatura em Arte-Teatro e é estudante de mestrado do Instituto de Artes da UNESP. É integrante da Companhia Estável de Teatro e professora do curso de teatro infanto-juvenil da Fundação das Artes de São Caetano do Sul.

A quem vamos denunciar as violências praticadas contra nossas vidas? Para qual Justiça do Brasil? Se a própria Justiça Federal está gerando e alimentando violências contra nós. Nós já avaliamos a nossa situação atual e concluímos que vamos morrer todos mesmo em pouco tempo, não temos e nem teremos perspectiva de vida digna e justa tanto aqui na margem do rio quanto longe daqui.

Guarani-Kaiowá de Pyelito Kue/
Mbarakay⁴⁶

Realizar uma reflexão significativa sobre o teatro contra hegemônico desenvolvido por alguns dos grupos teatrais da atualidade e sua aproximação com movimentos sociais organizados, certamente, implica em estabelecer a devida relação entre o processo de formação política e estética de parte da categoria artística e as forças econômicas e sociais contemporâneas. No auge de uma das piores crises já geradas pelo sistema capitalista, aos que se atrevem, resta a difícil tarefa de desvincular-se de todo ecletismo filosófico-midiático moderno e posicionar-se com clareza diante das barbáries perpetradas contra a classe trabalhadora. Desse modo, é no reconhecimento da existência histórica da luta de classes, e dos genocídios cíclicos praticados pelas classes dominantes, que reside o embrião de intervenções e espetáculos muitas vezes estigmatizados pela própria categoria teatral: - “Eu faço teatro, não faço política!” – bradou um dia, aos gritos, uma ingênua e corajosa companheira. Ingênua porque não se dava conta da opção política de “seu teatro” e corajosa porque, diante do que lhe parecia um atraso estético e filosófico, preferiu posicionar-se.

Obviamente, não é de hoje que grupos alinhados à esquerda pagam o preço pelo desenvolvimento de um teatro politicamente consequente, sobretudo quanto aos posicionamentos históricos. A voracidade de opositores dispostos, no mínimo, a desclassificá-los os obriga a criar, permanentemente, estratégias de enfrentamento dentro e fora dos espaços artísticos cabendo, inclusive, apropriar-se de experiências estéticas realizadas pela classe trabalhadora em luta - como o teatro de agitação e propaganda, por exemplo - para somar-se a ela em suas pautas e disputas públicas sempre acirradas.

Entretanto, o mais curioso acerca de grande parte dessas produções estéticas é que, ao contrário do que prega o senso comum, elas nada têm de pragmáticas e tampouco – é preciso rir de certos adjetivos -

⁴⁶ Trecho da carta assinada pelos líderes indígenas da aldeia Guarani-Kaiowá, do Mato Grosso do Sul e remetida ao Conselho Indigenista Missionário (CIMI) em outubro de 2012.

“rancorosas”. O lirismo e a potência imagética de uma obra como *Marruá*, do grupo Parlandas ou da obra *Conjugado*, realizada pelos coletivos Dolores, Estável e Inhocuné Soul, derrubam definitivamente a tese de que espetáculos políticos são duros e verborrágicos ou, ainda, de que é preciso explorar os recônditos lugares da alma dos indivíduos para que o amor e a poesia se manifestem. A vida é tão bela quanto a luta para mantê-la e é preciso evidenciar a história dessa luta para que a exploração e todas as formas de opressão se desnaturalizem. Existe força poética e desafio maior do que este?

Evidentemente, este não é um caminho só de acertos, afinal, coletivos de pesquisa em teatro, pesquisadores que são, nem sempre confirmam suas hipóteses e o resultado pode ser bastante confuso ou ineficaz em termos de recepção da obra. No entanto, o processo de formação dos atores inseridos em grupos de pesquisa teatral é dialético, permanente e fruto de um modo de produção absolutamente contra hegemônico. Um coletivo de teatro, mesmo que tente – e alguns tentam - reproduzir em sua organização interna todos os níveis hierárquicos de uma empresa, sempre estará à margem do sistema produtivo capitalista. E esses atores a quem o capitalismo presenteou com a ilusão de fazerem do ofício de ator uma profissão, terminam descobrindo, por necessidade, outros modos de relação produtiva na dinâmica interna dos grupos. E é na radicalização de tais relações, dialéticas e contraditórias, que também ocorre a formação estética e política dos trabalhadores das artes cênicas.

Além dessa aprendizagem, que ocorre em âmbito interno, também, é necessário pontuar que algumas conquistas da categoria teatral organizada, dentre elas a Lei de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo⁴⁷, facilitaram a formação e estruturação de novos grupos já voltados à esfera pública o que, de alguma forma, implica no comprometimento de continuidade na luta por políticas de fomentação, ampliação e descentralização da produção cultural.

É de volta à esfera pública, portanto, que o teatro vem conseguindo encontrar alguma interlocução e manter-se como prática social significativa. E são, justamente, nas questões de interesse público que ocorre o

⁴⁷ Redigida por artistas integrantes do movimento Arte Contra a Barbárie, a lei é fruto de uma longa batalha política por parte da categoria teatral, na tentativa de possibilitar ao sujeito histórico teatro de grupo uma pesquisa continuada em âmbito estético e social. Para entender um pouco mais sobre o impacto da lei de Fomento na produção teatral na cidade de São Paulo, consultar: Iná Camargo Costa & Dorberto Carvalho. *A luta dos grupos teatrais de São Paulo por políticas públicas para a cultura: os cinco primeiros anos da Lei de Fomento ao Teatro*. São Paulo: Cooperativa Paulista de Teatro, 2008.

alinhamento entre arte e classe trabalhadora. E uma vez alinhados, não há como fechar os olhos para a expulsão e assassinato de trabalhadoras e trabalhadores pobres. Não há como aceitar o genocídio, físico e cultural, de etnias indígenas e nem a transformação do planeta em depósito de lixo e mercadorias inúteis. Não há como continuar admitindo que a riqueza gerada pelos trabalhadores sustente o luxo de capitalistas vagabundos e parasitas. Inevitavelmente alinhados, teatro e classe trabalhadora, não há como deitar a cabeça no travesseiro e pensar na arte pela arte. Não em tempos como estes em que a poesia pode e deve tingir-se de vermelho e sair novamente às ruas.

Fiz ranger as folhas de jornal
abrindo-lhes as pálpebras piscantes.
E logo
de cada fronteira distante
subiu um cheiro de pólvora
perseguido-me até em casa.
Nestes últimos vinte anos
nada de novo há
no rugir das tempestades.

Não estamos alegres,
é certo,
mas também por que razão
haveríamos de ficar tristes?
O mar da história
é agitado.
As ameaças
e as guerras
havemos de atravessá-las,
rompê-las ao meio,
cortando-as
como uma quilha corta
as ondas.

Vladimir Maiakovski (*E então, que quereis?*).

Referências bibliográficas

COSTA, Iná Camargo; CARVALHO, Dorberto. *A luta dos grupos teatrais de São Paulo por políticas públicas para a cultura: os cinco primeiros anos da Lei de Fomento*. São Paulo: Cooperativa Paulista de Teatro, 2008.

DESGRANGES, Flávio; LEPIQUE, Maysa (orgs.). *Teatro e vida pública: o fomento e os coletivos teatrais de São Paulo*. São Paulo: Hucitec; Cooperativa Paulista de Cooperativa, 2012.